

## 10.000 Km de (Des) Conexão Afetiva

Aline Vaz<sup>1</sup>

### Introdução

Alexandra e Sergi vivem em um apartamento escuro na cidade de Barcelona, até que Alex recebe uma proposta de pesquisa para realizar em Los Angeles, mantendo um relacionamento virtual com Sergi. Essas são as primeiras experiências que vivenciamos no filme *10.000 KM* (Carlos Marques-Marcet; 2014).

Entre os contatos pela webcam com Sergi, a personagem fotografa lugares representados no Google Maps. Entre os contatos pela webcam com Alex, Sergi estuda para um concurso, em que não consegue ser aprovado. Vivendo em lados opostos indicados pelo preto e branco dos apartamentos, Sergi vive em um apartamento escuro e Alex em um apartamento claro, porém impessoal, vazio.

A proposta desse estudo é analisar o impacto das relações representativas de um mundo dito real, que pode aproximar ou artificializar as relações. José Carlos Santos Ribeiro e Leonardo Branco Lima (2012, p. 39) chamam a atenção para como presenciamos *um conjunto de experiências singular no que diz respeito às práticas e às maneiras dos sujeitos contemporâneos vivenciarem os seus territórios*.

As novas interações com os mapas demonstram uma reconfiguração com os espaços. A cartografia que até então apresentava lugares fixos, com o uso de mapas virtuais, em que o sujeito interage por meio de ruas reproduzidas no espaço cibernético, *ao permitirem a inserção de vídeos, fotografias e comentários, tais dispositivos de projeção possibilitam (...) uma maior possibilidade de produção de significados e de elementos constituintes de novas representações sociais* (RIBEIRO; LIMA, 2012, p. 44), reconfigurando a relação de lugar fixo em espaço aberto.

O Google Earth dá a sensação de aproximação com o mundo, a webcam permite experimentar a presença do outro distanciado dele, o que pode representar uma vida marcada pela *artificialidade das relações e de produção*

---

<sup>1</sup> alinevaz88@hotmail.com  
Revista Livre de Cinema

*técnica dos afetos* (TAVARES, 2014, s/p). A vida dita real é um simulacro das próprias representações, que nos termos de Jean Baudrillard (1991, p. 123) tornar real a representação do real pode destruir a figura imaginária, assim revelando-se a destruição da força de um sonho em detrimento de um sonho real.

O que observamos no filme *10.000 KM* e propomos analisar é a relação com as representações que tornam-se as realidades experimentadas pelos personagens. Na cidade-ciborgue, compreendida por André Lemos (2007, p. 130), como um híbrido, composto de redes sociais e infraestruturas físicas, temos contato com a Los Angeles fílmica mediada pelos mapas e fotografias, em que o olhar é mediado pelas janelas tecnológicas, como a relação dos protagonistas vivenciada pela webcam.

### **A Conexão Desconectada**

As casas de Alex e Sergi são os opostos, a impressão de vazio e ausência se dá pelo branco da casa de Los Angeles de Alex (Figura 1) e a sensação de caos se dá pelo enclausuramento do apartamento escuro de Barcelona em que vive Sergi (Figura 2). A cama do apartamento de Los Angeles é pequena, a protagonista mostra o apartamento pela webcam para Sergi e diz que terão que se apertar quando ele a visitar, não há espaço para ele na nova habitação de Alex. Nunca vemos Barcelona, conhecemos Los Angeles pelo mapa do Google e fotografias técnicas de Alex.



**Figura 1. Frame do filme *10.000 KM*  
O branco como ausência no apartamento de Los Angeles.**



**Figura 2. Frame do filme *10.000 KM*  
A escuridão do apartamento de Barcelona**

O equilíbrio entre os dois espaços se dá no monitor do computador, é no ciberespaço que o relacionamento se conecta, *uma casa é um mundo real, entre outras coisas, um modo de manter o mundo externo fora do meu alcance. Uma casa online (home page), por outro lado é uma espécie de furo que faço na parede da minha casa real por onde o mundo pode entrar*” (Seabrook, 1995, Apud LEMOS, 2002, p. 09).

Em muitas cenas a janela que vemos é o furo na parede na casa dos personagens. Quando os personagens decidem tentar a masturbação (Figura 3), Sergi goza, nós observamos o momento de excitação de dentro do apartamento de Alex que não sente o prazer da masturbação. A satisfação está no ciberespaço, na representação do gozo de Sergi pela webcam. Induzido por Alex o espectador tem o gozo interrompido, quando ela fecha o monitor do notebook.



**Figura 3. Frame do filme 10.000 KM  
Webcam: o furo na parede da casa de Alex.**

A fácil conexão com a vida cotidiana do casal, leva ao mesmo esgotamento que relações físicas constituem, mediado pelo aparelho ou não, estar junto o tempo todo não é sinal de proximidade. As (des) conexões são reconfiguradas ao modo em que são moldadas às vidas de sujeitos conectados. O conflito dos vínculos afetivos não se encontra *na inovação tecnológica material, mas sim no modo como as paixões são produzidas tecnicamente e como se deseja que elas sejam assim, previsíveis, adaptáveis, disponíveis, assustadoramente alinhadas aos valores dominantes* (TAVARES, 2014, s/p).

### **Representação dos Mundos**

A artificialização do mundo é vista por André Lemos (2007, p. 132) como um processo natural de socialização do espaço habitado, nos termos do autor *o artificial*

*é assim profundamente humano. A cidade é produto da humanidade artificializante atingindo seu ápice na cidade-ciborgue contemporânea.*

O homem criou a cidade-ciborgue, que composta por redes sociais e infraestruturas físicas, torna-se uma máquina de comunicar, apropriando-se de espaços urbanos, o olhar para a cidade passa por uma ressemantização lida por meios eletrônicos, fios de fibra óptica e sinais wireless. *Trata-se então de uma nova forma de mobilidade: a mobilidade por fluxos de informação, por territórios informacionais* (LEMOS, 2007, p. 130), modificando as formas de mobilidade pelo espaço físico e o acesso às informações mediadas pelo espaço cibernético.

A protagonista do filme *10.000 KM* pesquisa a tecnologia que representa os lugares fixos reconfigurados pelo sujeito hipermoderno, tornando possível vivenciar um mundo representado no Google Maps - Google Earth; em alguns casos o sujeito pode se ver caminhando no mapa que o fotografou e borrou seu rosto. A cena em que a tela divide-se em dois quadros que representam os lugares em movimento "real" e movimento "virtual" (Figura 4) demonstra um paradoxo entre mundo real e virtual, em que ao passo que são distantes, tornam-se próximos pelo contato visual, transformando aquele que vaga pela cidade (física ou virtual) em um observador que olha de fora, a floresta de signos, os elementos a serem decodificados são existentes tanto na cidade do mundo físico, quanto na cidade do ciberespaço, *flanar numa cidade ou navegar por hipertextos evoca um mesmo processo: leitura (relação corpo - texto) e mapeamentos (relação corpo - espaço), fundindo as figuras do leitor (que segue o mapa) e do escritor (que faz o mapa), do conformista que segue e do aventureiro que faz"* (LEMOS, 2001, p.02). *Os mapas, assim, propagam mensagens produzidas e compartilhadas socialmente, além de referenciadas em relações objetivas e simbólicas com o espaço geográfico* (RIBEIRO; LIMA, 2012, p. 42).



**Figura 4. Frame do filme *10.000 KM*  
Cidade dita real, cidade dita representada/mapeada.**

Sobre a cidade-ciborgue, Lemos (2007, p. 140), pressupõe que *os limites da separação entre o público e o privado estão sendo modificados e a vida urbana parece mais volátil e rápida, mais incerta e mais fragmentada do que em qualquer outro tempo*. Atentamos para o fato de que a personagem de dentro de sua casa (espaço privado) mostra para o namorado em Barcelona a cidade de Los Angeles, que parece ganhar aspecto privado quando a representação da cidade no mapa, que reproduz lugares por captação de imagens, é observada pela webcam, enquanto que Sergi poderia acessar o mapa de seu computador, mas Alex faz isso, apresentando a cidade em que agora vive, como se ela pudesse fazer isso melhor de dentro do seu apartamento, apenas por estar localizada próximo àquelas imagens, pelas quais passeiam pelo ciberespaço.

Lemos (2007, p. 139) suscita que *Horan mostra como a casa passa a acumular funções de moradia e lugar de trabalho*. Alex colhe o material de seu trabalho no espaço público e no privado, em sua casa, vivencia as representações daquilo que existe do lado de lá, torres da Google, que reconfiguram as cidades, que reconfiguram a relação da protagonista com o mundo. Enquanto trabalha, ela conversa com Sergi pela webcam (Figura 5), o lugar da casa que nasce como forma

de encolhimento do sujeito, para encontrar a si mesmo, vivenciar experiências particulares, passa a ser fragmentado pelo momento de trabalho que não cumpre mais expediente, em casa trabalha-se o tempo todo, infectando as relações íntimas. Trabalhar deixa de ser algo externo ao indivíduo para tornar-se parte integrante do seu canto no mundo, a casa que nos termos de Bachelard (1978), abrigaria os devaneios e permitiria o sujeito sonhar em paz.



**Figura 5. Frame do filme 10.000 KM – Trabalho e vida particular.**

A representação de dois mundos, físico e virtual, ressalta a configuração da vida dos personagens, que transformam o relacionamento que um dia existiu no mundo físico em um relacionamento representado no ciberespaço, transformado em um híbrido do que deveria ser público e privado, a profissão e os vínculos afetivos se afetam e se infectam. Todas as ditas realidades existem, uma não anula a outra, mas há uma transformação no modo de vivenciar os vínculos com o ser e estar no mundo. É preciso refletir sobre como o sujeito compreende e possui o mundo hipermoderno que ainda não afastou a distância simbólica de “10.000 km”. Na última cena (Figura 6), sentados no mesmo sofá a distância torna-se explícita: o indivíduo experimenta a distância do outro, próximo desse outro.





**Figura 6. Frame do filme *10.000 KM*  
A distância evidenciada na proximidade.**

### **Considerações Finais**

Carlos Eduardo Marquioni (2013, p. 17), chama a atenção para como *atribuir às tecnologias a responsabilidade pelo afastamento ou aproximação das pessoas na contemporaneidade definitivamente constitui uma simplificação*. O objetivo da reflexão constituída até aqui não é de simplificar os conflitos relacionais do sujeito hipermoderno. Percebe-se que o afastamento dos personagens não se dá por causa da tecnologia, o afastamento se dá por conflitos internos dos personagens, que na expansão do privado no espaço público e do público no espaço privado apenas intensifica a representação de distância e proximidade, que se confundem e colocam o sujeito em questionamento, o que é perto e o que é longe na vida do sujeito contemporâneo?

Uma alternativa para compreender a afirmação é recorrer a um exemplo de uso de novas tecnologias do passado: é razoável supor que alguma sensação de distanciamento pessoal deva ter sido observada por volta do século V a.C., quando da invenção e disponibilização da tecnologia da escrita na Grécia Clássica (MARQUIONI, 2012, p. 156-160). Particularmente porque as reduções da audiência nas seções públicas de poesia épica, que ocorriam para que instruções e normas sociais fossem decoradas pelos cidadãos (e a escrita reduziu a necessidade de manter na memória pessoal essas instruções) (HAVELOCK, 1994, p. 124-125) (ONG, 1988, p. 31) pois poderiam ser lidas (acessadas) a qualquer momento e em qualquer lugar (como, por exemplo, no interior das residências) – devem ter propiciado a quem notava essa redução de



público nas seções orais a sensação de que a tecnologia da escrita estaria promovendo afastamento das pessoas de seu convívio social. Foram necessários séculos de uso da tecnologia para se constatar que não era o caso (MARQUIONI, 2013, p. 14 ).

Percebe-se que os personagens, Alex e Sergi não são distanciados pelo afastamento territorial, o uso da tecnologia, webcam, constitui uma aproximação afetiva. Experimentar a presença do outro afastado do outro, como sugere Claudine Haroche (2008) sobre o sujeito hipermoderno, cria condições de vivências no espaço cibernético que se hibridiza com o espaço físico alterando as práticas sociais e proporcionando novos vínculos tecnologizantes.

Os mapas virtuais complementam a ideia de um mundo físico experimentado na janela virtual, que não mais separa o sujeito de uma vida dita real, mas torna-se constituinte de uma dita realidade.

[...] ressinto-me da superficialidade dos críticos que dizem que, ao nos sentarmos na frente de um computador e participarmos de conversas on-line no mundo inteiro, não estamos tendo uma vida autêntica. Questiono a premissa de que uma pessoa pode julgar a autenticidade da vida de outra pessoa. Milhões de pessoas assistem à televisão o dia inteiro. Não venha me dizer que ter um relacionamento com alguém via e-mail é menos autêntico do que sentar-se sozinho diante da televisão. Para muitas pessoas, esse novo meio é uma forma de romper com o mundo virtual no qual elas já vivem (RHEINGOLD, 1997, p. 209-210).

A distância dos personagens fica explícita na última cena, próximos fisicamente, após a relação sexual, os personagens ficam em silêncio com expressões físicas que representam distância e desconexão entre eles, o título do filme que surge entre os personagens, *10.000 Km*, grita na tela: a distância não estava entre Los Angeles e Barcelona, a distância está entre Alex e Sergi.

Independente do mapeamento territorial que representa distâncias físicas, das mediações tecnológicas que possibilitam diminuir as distâncias afetivas, o que determina o espaço entre os indivíduos é a liberdade interna de criar pontes ou barreiras, a proximidade e a distância é uma escolha individual, independente do quanto nos tornamos sujeitos globalizados e globalizantes.

## Referências

BAUDRILLARD, Jean. Simulações e simulacros. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

HAROCHE, Claudine. A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente. Trad. Jacy Alves de Seixas e Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

LEMOS, André. A arte da vida: diários pessoais e webcams na Internet. Trabalho apresentado no GT Comunicação e Sociedade Tecnológica do X COMPÓS na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de, v. 4, 2002.

LEMOS, André. Cidade-ciborgue: a cidade na cibercultura. Galáxia, v. 4, n. 8, 2007.

LEMOS, André. Ciber-flânerie. Comunicação na cibercultura. São Leopoldo (RS): Editora Unisinos, 2001.

MARQUIONI, Carlos Eduardo. Quando a TV Vai Além da Sala de Estar: por uma análise cultural dos usos de novos dispositivos tecnológicos. Revista GEMInIS, n. 1 Ano 4, p. 6-19, 2013.

RHEINGOLD, Howard. Depoimento a John Brockman. In: BROCKMAN, John (Org.). Digerati: encontros com a elite digital. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 203-211.

RIBEIRO, José Carlos Santos; LIMA, Leonardo Branco. Mapas colaborativos digitais e (novas) representações sociais do território: uma relação possível. Ciberlegenda, n. 25, 2012.

TAVARES, Francine. Outro Amor, Por Favor. Pensando a Realidade Técnica do Afeto a Partir da Relação Maquínica do Filme Her.

## Filmografia:

10.000 KM. Carlos Marques-Marcet. Espanha: 2014